



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante cerimônia alusiva à visita ao Programa “Desenvolvimento Regional Sustentável” do Banco do Brasil e ao lançamento da Linha BB Microcrédito DRS

Ceará-Mirim-RN, 13 de fevereiro de 2009

Companheira Wilma de Faria, governadora do estado do Rio Grande do Norte,

Companheiro ministro Altemir Gregolin, ministro da Aquicultura e Pesca,
Meu caro Iberê Paiva de Souza, vice-governador do estado do Rio Grande do Norte,

Meu caro senador Garibaldi Alves,

Deputados federais Fátima Bezerra, Sandra Rosado, Henrique Eduardo Alves e João Maia,

Meu caro companheiro Lima Neto, presidente do Banco do Brasil,

Meu caro Rolf, presidente do Incra,

Meu caro Antônio Marques de Abreu Peixoto, prefeito de Ceará-Mirim,

Meu caro Francisco das Chagas Azevedo, secretário estadual de Agricultura do Rio Grande do Norte,

Meu caro Francisco Canindé de França, secretário estadual de Assuntos Fundiários e Apoio à Reforma Agrária do Rio Grande do Norte,

Meu caro Hélio de Pinto Dantas, secretário municipal de Agricultura,

Nossa querida companheira Livânia Frizon, representante da comunidade da Agrovila Canudos,

Meus queridos companheiros e companheiras do Rio Grande do Norte, de Ceará-Mirim e do nosso querido País.



Companheira Dilma, pense num “cabra” feliz. Eu, ontem, fui visitar a Transnordestina, na divisa do Ceará, Pernambuco e Piauí. Finalmente, senador Garibaldi, depois de três anos de construção de engenharia financeira e de resoluções para mudar a burocracia, finalmente nós vamos, até 2010, fazer uma ferrovia de 1.800 Km no Nordeste brasileiro, tirando o Nordeste da situação de miséria em que ele se encontra.

Ao mesmo tempo, ainda ontem, eu fui visitar a BR-101, que vai ligar o Rio Grande do Norte até quase o estado da Bahia. E essa rodovia vai permitir não apenas o trânsito de milhões de brasileiros, de produtos brasileiros, mas também vai permitir que um estrangeiro, descendo no aeroporto de Fortaleza, no aeroporto de Natal, no aeroporto de Recife, possa, de carro ou de ônibus, transitar praticamente todo o litoral mais extraordinário que este país possui.

Mas eu não estaria feliz se não pudesse hoje ter visitado o tanque de criação de peixes beijupirá. Não apenas porque uma empresa está fazendo uma empresa a 11 km dentro do mar, mas também porque os pescadores de Recife vão ter os tanques financiados pelo Ministério da Pesca, e esses companheiros vão poder criar o peixe e vão poder ter acesso ao mercado de exportação. Mas não seria ainda mais feliz se eu não viesse ver, hoje, esta plantação de mamão e a criação de tilápias.

Eu pensei, Governadora, em trazer uma tilápia para mostrar para vocês, das que eu crio lá na Granja do Torto e lá no Palácio do Alvorada. Eu ia trazer uma, mas vou mostrar para o Gregolin quando a gente for jogar alevino na represa Billings. Outro dia eu peguei uma tilápia de cinco quilos – não é história de pescador – e eu mandei para a Embrapa, porque eu pensava que ia entrar no *Guinness Book*, e tem tilápia maior do que a de cinco quilos que eu peguei.

Mas o que me deixa feliz da vida é perceber uma coisa com que eu sonho há muito tempo. Quando as pessoas falam em reforma agrária, e eu queria lembrar o que disse a Livânia aqui: tem muita gente que acha que



reforma agrária é só desapropriar, desapropriar, tirar os pobres da cidade para eles continuarem pobres e miseráveis no campo, abandonados.

Quando nós entramos no governo, eu disse ao ministro Guilherme Cassel: desapropriar terra, vamos desapropriar. E já desapropriamos, em seis anos, 43 milhões de hectares de terra, contra 18 milhões de hectares no governo passado. Mas não basta desapropriar, é preciso tornar aquela terra produtiva, é preciso ter crédito, é preciso levar assistência técnica, porque senão você apenas transfere a miséria da cidade para o campo. O cidadão fica com o queixo no cabo da enxada sem ter o que plantar, sem ter crédito, sem ter semente, sem ter preço mínimo, sem ter mercado para vender o seu produto. Nós não queremos mais isso. E isto aqui é um exemplo.

Por isso, companheira Livânia. Eu gostaria que a imprensa registrasse o que está acontecendo aqui, em Ceará-Mirim, que ela registrasse... quando os companheiros têm um pedaço de terra, é preciso que a gente consiga também diversificar as coisas que nós produzimos. Não é plantar apenas uma coisa, é plantar muitas coisas ao mesmo tempo. Um tanque de peixe como este serve, não apenas para vender no mercado interno ou no mercado externo, porque hoje as pessoas... virou chique usar sapato construído com couro de tilápia, ficou chique as madames na Europa utilizarem bolsa de couro de tilápia, e a gente come a carne ou vende a carne, mas vende o couro também. Eu vi a criação e saio daqui para divulgar o que eu vi aqui, para que outros assentamentos façam a mesma coisa que vocês estão fazendo aqui em Ceará-Mirim.

Eu vi aquela quantidade de mamão, eu acho extraordinário, porque antes isso parecia coisa só de grandes fazendeiros. Agora é uma cooperativa que está organizando, são os trabalhadores, que sabem que se eles multiplicarem os seus esforços, podem ganhar muito mais. Eu queria, Livânia, lembrar um número aqui, me parece que a média de arrecadação aqui dá por volta de R\$ 700 por mês. Eu queria que todos os trabalhadores do Brasil



pudessem ganhar R\$ 700 por mês, trabalhando na agricultura, combinando aquilo que eles vão plantar para comer com aquilo que eles vão plantar para vender, e plantando várias coisas ao mesmo tempo. Isto aqui é um exemplo que eu vou levar para outros assentamentos dos Sem-Terra, porque tem alguns que nós já temos assentados há muitos anos e que ainda não conseguem ter uma produção organizada como vocês têm aqui, porque predomina a visão da propriedade privada e da produção unilateral. Não é possível, esse modelo esgotou. E vocês estão mostrando aqui a possibilidade de uma nova lógica para melhor ocupar o espaço brasileiro.

Queria também agradecer ao Banco do Brasil. Para a gente chegar até aqui foi muita briga, para fazer com que os nossos gerentes, nas agências do interior, soubessem que o pequeno produtor também tinha direito a ter empréstimo, porque o Banco do Brasil passou muitos anos atendendo apenas as pessoas que mais tinham dinheiro. E hoje, Lima Neto, quando vocês criaram o DRS, quando vocês têm mais de 13 mil trabalhadores ligados para tratar com o povo mais pobre deste país, quando vocês têm mais de 4 mil agências para cuidar disso, a gente pode dizer: o sucesso de um programa como este é ter a disposição política do governo de fazer, é ter a disposição dos trabalhadores de se organizarem mas, sobretudo, ter uma instituição como o Banco do Brasil para financiar um projeto desta magnitude.

Eu espero que a imprensa que está aqui, sobretudo a televisão, aquelas que podem transmitir em nível nacional, pudesse, hoje à noite, já que durante todo o dia se mostra tanta violência e tanta desgraça, que pudesse hoje à noite mostrar a cara destes agricultores, a cara desta cooperativa, para mostrar que lá no fundo do Brasil, no Rio Grande do Norte, em Ceará-Mirim, a gente tem trabalhadores vivendo dignamente, organizados, produzindo, produzindo girassol, produzindo mamão, criando peixe.

Eu falei para a Livânia: quem sabe, um dia, vão criar coelho, vão criar galinha, vão criar cabra, para que a gente possa produzir cada vez mais e fazer



com que o povo brasileiro possa ter a certeza de que as coisas neste país mudaram definitivamente.

Por isso, companheira Livânia, eu saio daqui com orgulho, com um orgulho profundo de poder dizer aos quatro cantos deste país: quem quiser trabalhar e quem quiser produzir, os Territórios da Cidadania estão aí. Quem quiser trabalhar e quiser produzir, o Banco do Brasil está aí para financiar. Nós saímos de 2 bilhões do Pronaf, para 13 bilhões. Quem quiser trabalhar tem terra, quem quiser trabalhar tem crédito, quem quiser produzir, o governo compra, como estamos comprando. Agora, quem quiser apenas fazer discurso, se candidate a alguma coisa, pelo amor de Deus.

Um abraço e boa sorte a todos vocês.

(\$211A)